

A ESTAGNAÇÃO ECONÔMICA TAMBÉM ASSOMBRA OS NEGÓCIOS DO SETOR FLORESTAL

A conjuntura do Centro de Inteligência em Florestas (C.I. Florestas) de julho de 2014 destaca o clima de estagnação e “desânimo” do empresariado brasileiro em geral com as baixas perspectivas de avanço na econômica brasileira. O setor florestal também segue neste clima de certa frustração e ansiedade com o futuro próximo dos principais setores da economia nacional, esperando que haja medidas mais eficazes para acelerar a produção industrial e de outros setores da economia nacional e, também, que haja movimentos positivos em mercados internacionais consumidores dos produtos florestais.

Segmento de Celulose e Papel

Em um panorama geral, nesse primeiro semestre de 2014, as exportações brasileiras de celulose apresentaram decréscimo, em termos de valor, enquanto, as de papel, também se reduziram, em termos de valor e de quantidade. Por sua vez, as importações de papel também apresentaram decréscimo em termos de valor. Em São Paulo, enquanto o preço da celulose apresentou pequeno acréscimo, o do papel apresentou pequena redução.

As exportações brasileiras de celulose, de janeiro a junho de 2014, reduziram-se 1,5% ao mês, em termos de valor. Em termos de quantidade exportada, ocorreu um aumento de 0,6% ao mês, em média. As exportações de papel também se reduziram em termos de valor (-0,4% ao mês) e quantidade (-0,9% ao mês), no mesmo período (MDIC, 2014) (Quadro 1).

De janeiro a junho de 2014, as importações de papel reduziram-se 0,5% ao mês, em termos de valor, enquanto a quantidade permaneceu constante (MDIC, 2014) (Quadro 1).

Quadro 1 – Exportações e Importações Brasileiras de Celulose e Papel, de Janeiro a Junho de 2014

Período	Exportações de papel		Exportações de celulose		Importação de papel	
	US\$ FOB	Quantidade (t)	US\$ FOB	Quantidade (t)	US\$ FOB	Quantidade (t)
Jan/14	171.778.266	166.963	513.525.724	988.490.030	125.254.577	103.545
Fev/14	157.845.659	153.907	370.335.114	749.465.269	114.865.189	104.376
Mar/14	159.399.459	158.437	353.198.468	693.869.729	107.898.322	89.510
Abr/14	167.306.264	162.494	440.385.376	933.162.204	128.651.433	115.143
Mai/14	168.471.832	160.217	493.530.959	1.016.584.812	120.878.528	107.503
Jun/14	154.884.177	147.928	436.236.719	926.888	119.510.197	98.172

Fonte: MDIC (2014), elaborado pelos autores.

Em São Paulo, os preços da celulose mantiveram-se, praticamente, estáveis, com um aumento de 0,07% ao mês, em média, de janeiro a junho de 2014, enquanto os do papel apresentaram uma pequena redução média mensal nesse período: 0,1% e 0,3% para o papel *offset* em bobina e *cut size*, respectivamente (Quadro 2).

Quadro 2 – Preços do Papel e da Celulose, em São Paulo, de Janeiro a Junho de 2014

Período (mês)	Preço da celulose (US\$/t.)	Papel <i>offset</i> em bobina (R\$/t.)	Papel <i>cut size</i> (R\$/t.)
Jan/14	769,73	3.262,34	3.317,71
Fev/14	770,64	3.219,89	3.273,71
Mar/14	767,96	3.234,17	3.291,75
Abr/14	765,13	3.257,99	3.291,75
Mai/14	758,88	3.257,99	3.291,75
Jun/14	750,52	3.253,41	3.273,76

Fonte: CEPEA (2014), elaborado pelos autores.

Essa redução dos preços pode ser em virtude do início da operação comercial da fábrica de Montes del Plata e do aumento e da estabilização dos níveis de produção das fábricas da Eldorado e da Fibria, que atingiram o estágio de maturação dos seus investimentos.

Mesmo com a tendência de aumento da oferta mundial de celulose e expectativa de queda nos preços, os planos de investimentos no setor continuam para os próximos anos, uma vez que a demanda mundial apresenta-se crescente, com destaque para a China e Europa, principais destinos das exportações nacionais.

A Celulose Irani, por exemplo, vai investir R\$600 milhões na ampliação da unidade fabril de Vargem Bonita (SC). Com o projeto, a empresa ampliará, em um prazo de cinco anos, a capacidade de produção de papel para embalagens em 135 mil toneladas ao ano e da capacidade de produção de embalagens de papel ondulado em 2 mil toneladas por ano, gerando, aproximadamente, 100 empregos diretos.

A Pöyry pretende implantar uma fábrica de celulose da Celulose Rio Pardense e Energia em Ribas do Rio Pardo (MS), iniciando as obras em maio do ano que vem. A fábrica terá capacidade de produzir 2,2 milhões de toneladas de celulose por ano e será um dos maiores empreendimentos a serem licenciados no Brasil nesta área.

Já a Suzano Papeis e Celulose planeja investir em Tocantins nos próximos anos. A empresa possui plantações de florestas de eucaliptos no Bico do Papagaio (Tocantins) e está estudando a possibilidade de instalar uma indústria na região.

Segmento de Madeira Processada

Em junho de 2014, as exportações de madeira e derivados foram de US\$165,5 milhões, representando uma queda de 15,8% em relação a maio. Por sua vez, as importações, para o mesmo período, foram de US\$13,1 milhões, alta de 6% em relação, também, a maio. Portanto, o saldo na balança comercial de junho teve uma queda de 17,3%. No acumulado do ano de 2014, de janeiro a junho, as exportações totalizaram US\$1.050,4 milhões, apresentando um aumento de 7,1%, quando comparado ao mesmo período do ano passado. Já as importações de janeiro a junho de 2014 totalizaram US\$75,7 milhões e foram 2,2% maiores em relação ao mesmo período de 2013. Assim, o saldo acumulado da balança comercial de janeiro a junho de 2014 foi de US\$974,7 milhões, 7,5% maior que igual período do ano passado.

Portanto, o segmento de madeira processada neste mês de junho reduz suas exportações, quebrando a sequencia de alta que vinha apresentando desde março. No entanto, no acumulado desse ano, os números indicam um ligeiro crescimento quando comparado ao ano passado (Quadro 3).

Quadro 3 – Balança Comercial Brasileira para Madeira e Derivados (capítulo 44) de Janeiro a Junho 2013 e 2014, em 1.000 US\$

Mês	2014			2013			Variação % entre os anos		
	Exp	Imp	Saldo	Exp	Imp	Saldo	Exp	Imp	Saldo
JAN	144.340	12.507	131.833	140.583	14.367	126.216	2,7	-12,9	4,5
FEV	184.376	13.911	170.464	151.817	10.867	140.949	21,4	28,0	20,9
MAR	177.876	11.741	166.135	163.586	12.958	150.629	8,7	-9,4	10,3
ABR	181.800	12.160	169.639	178.206	13.252	164.955	2,0	-8,2	2,8
MAI	196.582	12.344	184.237	179.158	12.496	166.662	9,7	-1,2	10,5
JUN	165.475	13.083	152.392	167.739	10.189	157.550	-1,3	28,4	-3,3
Acumulado	1.050.449	75.748	974.701	981.089	74.129	906.961	7,1	2,2	7,5
Variação % entre JUN e MAI	-15,82	5,99	-17,29	-6,37	-18,46	-5,47			

Fonte: MDIC (2014), elaborado pelos autores.

O setor de madeira processada tem investido crescentemente em padronização e certificação. Além do avanço obtido pelos fabricantes de compensado que fazem parte da Associação Brasileira da Indústria de Madeira Processada Mecanicamente (Abimci) e contam, desde 2003, com o Programa Nacional de Qualidade da Madeira (PNQM) como forma de controle do processo produtivo, os produtores do compensado plastificado também avançaram na discussão de propostas visando a criação de parâmetros mínimos de produção.

Outra categoria de produto onde se está buscando a normatização é a de madeira serrada. Em março, a Abimci, gestora do CB-31, reativou a comissão de estudos que trata da madeira serrada dentro da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). O grupo já fez as primeiras avaliações necessárias para a compilação das informações e normas já anteriormente publicadas e disponíveis para, na sequência, enviar o texto final atualizado para consulta pública.

A categoria que mais avançou em termos de normatização é o da produção de portas. Desde abril, o mercado já conta com os primeiros produtos (folha da porta de madeira) de nove marcas aprovados pela ABNT Certificadora de acordo com a NBR 15930 da ABNT.

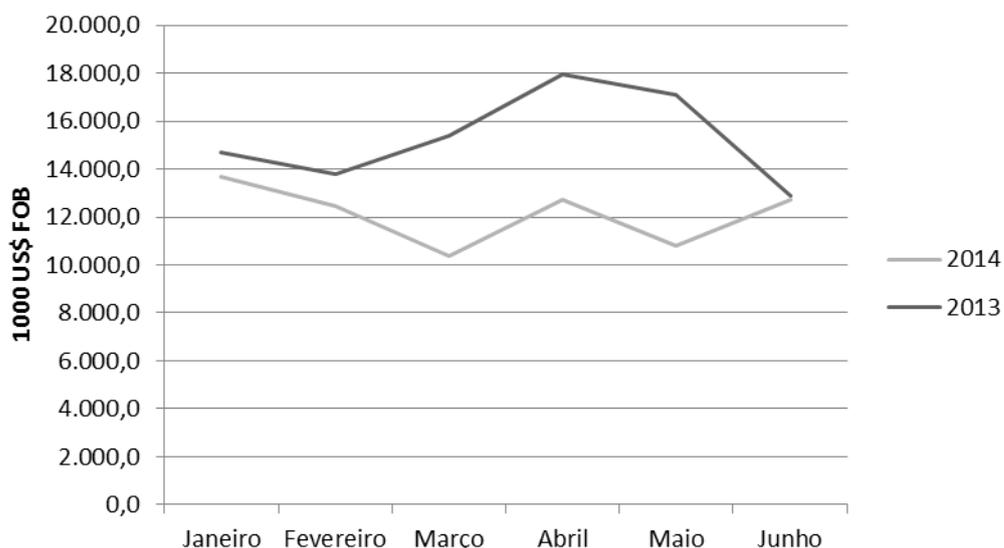
Para o superintendente executivo da Abimci, Paulo Pupo, sem produtos conformes não haverá crescimento do uso da madeira na construção civil brasileira, por exemplo. Segundo ele, "padronizando os produtos, certamente, vai aumentar o

consumo de madeira e conseguiremos inserir os produtos madeireiros no escopo de financiamento junto a órgãos oficiais, como BNDES, Caixa Econômica Federal e demais agentes financiadores, além de conquistar um espaço cada vez maior no mercado nacional e retomar o prestígio internacional” (ABIMCI).

Produtos Florestais Não-Madeireiros

No acumulado de 2014, de janeiro a junho, as exportações de castanha do pará, castanha de caju, palmito em conserva, óleo essencial de eucalipto, taninos e borracha natural totalizaram US\$72,7 milhões, representando um decréscimo de 20,7%, quando comparado ao mesmo período do ano passado. Em junho de 2014, as exportações totalizaram US\$12,7 milhões, sendo 18,2% maior em relação a maio.

Dessa maneira, o segmento de produtos florestais não madeireiros (PFNM), no mês de junho, aumentou suas exportações, mantendo a oscilação que vinha apresentando desde abril e atingindo valor muito próximo da exportação observada em junho de 2013 (Figura 1).

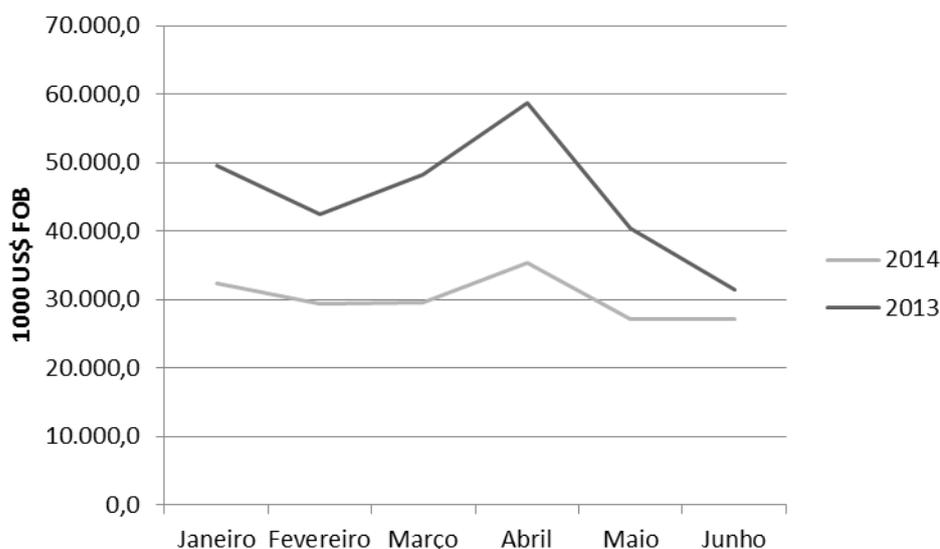


Fonte: MDIC (2014), elaborado pelos autores

Figura 1 – Exportação dos PFNM Selecionados, de Janeiro a Junho de 2013 e 2014, em 1.000 US\$ FOB.

No acumulado do ano de 2014, de janeiro a junho, as importações totalizaram US\$180,1 milhões, sendo 33,6% menores em relação ao mesmo período de 2013. Em junho de 2014, as importações dos PFNM foram de US\$27,1 milhões, o que

representou um pequeno decréscimo de 0,2% em relação ao mês anterior. As importações de junho de 2014 também foram menores em 13,8%, quando comparadas às de junho de 2013 (Figura 2).



Fonte: MDIC (2014), elaborado pelos autores

Figura 2 – Importação dos PFNM Seleccionados, de Janeiro a Junho de 2013 e 2014, em 1.000 US\$ FOB.

O Brasil produz apenas 35% da borracha natural consumida, sendo o restante importado de países do sudeste asiático. Segundo a Associação Brasileira de Produtores e Beneficiadores de Borracha Natural (Abrabor), um plano de apoio ao setor se justificaria, uma vez que há um risco eminente de colapso da heveicultura brasileira. A borracha natural é o segundo produto agrícola que mais pressiona a balança comercial brasileira em termos de importação, justificando assim medidas que operacionalizem a Política de Garantia de Preços Mínimos (PGPM) o mais rápido possível, para que os produtores consigam fazer o resgate já estabelecido.

Segundo Richard Pfister, fatores externos como o início da safra no sudeste asiático, os altos estoques internacionais e as dúvidas quanto ao vigor da economia chinesa, o principal país consumidor de borracha natural, derrubaram os preços no último ano. O Granulado Escuro Brasileiro, principal produto beneficiado vendido para as fabricantes de pneus, apresentou preço por quilo abaixo de R\$6,30, que é o valor indicado como preço mínimo pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). A PGPM garante ao produtor a subvenção quando não atingido o preço mínimo e, para o

bimestre junho-julho, os valores do granulado escuro foram de R\$4,43, bem abaixo do valor estabelecido por essa política. A matéria-prima vendida pelos produtores (coágulo) também registrou preço atual próximo de R\$1,50 por quilo no Estado de São Paulo, enquanto o mínimo estipulado foi de R\$2,00.

Segmento Moveleiro

Apesar dos esforços do setor moveleiro em busca de expansão dos negócios através de modernização tecnológica e divulgação, segundo relatório da Confederação Nacional da Indústria (CNI) de junho de 2014, o desempenho obtido tem sido aquém do desejado. De acordo com esse relatório, no período de jan.-maio de 2014, na comparação com jan.-maio de 2013, a maioria dos indicadores econômicos analisados mostrou-se negativa para o setor, com quedas no faturamento real (-8,7%), nas horas trabalhadas (-2,4%), no nível de emprego (-4,5%) e na massa salarial (-1,8%). Apenas a utilização da capacidade instalada e o rendimento médio apresentaram-se positivos, 0,1% e 2,8%, respectivamente. Esses resultados são similares aos resultados frustrantes apresentados pela indústria nacional que teve a terceira queda seguida na atividade industrial nesse período, com previsões pouco otimistas para os próximos meses. As esperanças de bons negócios na economia com os eventos esportivos não aconteceram, pelo contrário, todo o comércio varejista viu suas vendas caírem.

Em junho, as exportações de móveis somaram cerca de US\$33 milhões, sendo este valor 16% menor do que o exportado em maio e 7% menor do que o exportado em igual mês de 2013. Já é o terceiro mês consecutivo que as exportações são menores do que os valores exportados no mesmo período de 2013, reflexo ainda de dificuldades econômicas dos países importadores e da baixa competitividade das exportações do nosso país. No total, até junho desse ano, as exportações de móveis somaram cerca de US\$211 milhões, representando um aumento de apenas 3% em relação ao exportado no mesmo período em 2013 (Quadro 4).

Quadro 4 – Exportações e Importações Totais de Móveis, de Janeiro a Maio de 2014 (US\$1.000 FOB)

Meses	Exportações Totais		Variação	Importações Totais		Variação
	2013	2014	2014-2013	2013	2014	2014-2013
JAN	26.656	28.754	8%	2.206	1.796	-19%
FEV	32.286	35.036	9%	2.192	1.880	-14%
MAR	33.340	38.596	16%	2.593	1.547	-40%
ABR	36.601	35.959	-2%	2.904	2.406	-17%
MAI	40.429	39.338	-3%	1.109	1.718	55%
JUN	35.658	33.122	-7%	889	1.891	113%
TOTAL	204.971	210.807	3%	11.893	11.240	-5%

Fonte: MDCI, elaborada pelos autores.

Com relação as importações, em junho de 2014, essas foram de US\$1,9 milhões, 113% maiores em relação às do mesmo mês em 2013 e 10% maiores que as importações do mês anterior, maio de 2014. No total, o país importou, até junho de 2014, cerca de US\$11 milhões, 5% a menos do que no mesmo período em 2013, que foi em torno de US\$12 milhões (Quadro 4). Pode-se observar nesse quadro uma certa estabilidade nas importações como decorrência de uma provável queda na atividade econômica no país, com redução no emprego e na confiança do consumidor sobre o futuro, além da valorização da moeda americana, encarecendo o produto importado.

As medidas do governo relativas à não alteração do IPI, a desoneração permanente da folha de pagamento e o retorno do Reintegra devem dar algum fôlego ao setor no segundo semestre. A ForMóvil – Feira Internacional de Fornecedores da Indústria Madeira e Móveis – é outra tentativa do setor para mudar o quadro atual de vendas e deverá acontecer de 29 de julho a 1º de agosto próximo. "Esta é a melhor oportunidade do ano para que os fabricantes de móveis possam incentivar suas vendas do segundo semestre, seja por meio de novos produtos ou tecnologias, ou com informação, relacionamento e qualificação. E em todos esses aspectos, a ForMóvil é ideal para potencializar os resultados do setor", afirma Tatiano Segalin, organizador da feira.

Segmento de Carvão para Siderurgia

Os preços praticados nos últimos meses no mercado de carvão vegetal para siderurgia no Estado de Minas têm sofrido alterações em seus valores regionais, mas em média, no estado, têm se mantido estáveis. Observou-se alta nos preços praticados na Grande BH de 3,3% em junho, quando comparado ao mês de maio (de R\$580 para R\$600 a tonelada). Nas regiões de Sete Lagoas e Divinópolis, os preços permaneceram constantes, em R\$610 e R\$600 a tonelada, respectivamente. A queda dos preços no Norte de Minas de R\$610 para R\$600 fez com que a média geral se mantivesse em torno de R\$600 a tonelada de carvão (R\$120/mdc) para o mês de junho.

A produção brasileira de aço bruto em junho de 2014 foi de 2,7 milhões de toneladas, queda de 4,9% quando comparada com o mesmo mês em 2013. Em relação aos laminados, a produção de junho, de 1,9 milhões de toneladas, apresentou redução de 16,4%, quando comparada com junho do ano passado. Com esses resultados, a produção acumulada em 2014 totalizou 16,7 milhões de toneladas de aço bruto e 12,5 milhões de toneladas de laminados, queda de 1,5% e 4,5%, respectivamente, sobre o mesmo período de 2013.

Quanto às vendas internas, o resultado de junho de 2014 foi de 1,6 milhão de toneladas de produtos, queda de 21% em relação a junho de 2013. As vendas acumuladas em 2014, de 10,7 milhões de toneladas, mostraram queda de 5,3% com relação ao mesmo período do ano anterior.

As exportações de produtos siderúrgicos em junho atingiram 733 mil toneladas e valor de US\$514 milhões. Com esse resultado, as exportações até junho de 2014 totalizaram 3,9 milhões de toneladas e US\$2,9 bilhões, representando declínio de 11,5% em volume e de 2,6 % em valor, quando comparados ao mesmo período do ano anterior.

Destacando as exportações de ferro gusa, o resultado individual desse produto atingiu, no período, aproximadamente, 198,4 mil toneladas do produto, 24% a mais do que a produção exportada no mesmo período de 2013 e 21,4% a mais em valor exportado.

No que se refere às importações, registrou-se, em junho, o volume de 325 mil toneladas (US\$328 milhões) totalizando, desse modo, 2 milhões de toneladas de produtos siderúrgicos importados no ano, alta de 18,0% em relação ao mesmo período de 2013.

O consumo aparente nacional de produtos siderúrgicos em junho foi de 1,9 milhões de toneladas, totalizando 12,7 milhões de toneladas no período de janeiro a junho de 2014. Esses valores representaram queda de 14,9% e de 2,3%, respectivamente, em relação aos mesmos períodos do ano anterior.

Equipe Técnica do Centro de Inteligência em Florestas

Ana Valverde (Eng. Agrícola, M.Sc. Eng. Agrícola, Dendrus Projetos Florestais e Ambientais Ltda)

Alberto Martins Rezende – Eng. Agrônomo, M.Sc. Economia Rural

Márcio Lopes da Silva – Eng. Florestal, D.Sc. Ciência Florestal

Altair Dias de Moura – Eng. Agrônomo, PhD. Agribusiness Management

Naisy Silva Soares – Economista, D.Sc. Ciência Florestal

Thaís Furtado Mendes – Gestora do Agronegócio, M.Sc. em Ciência Florestal

Camila Brás Costa – Eng. Florestal, M.Sc. em Ciência Florestal.

* Permitida a reprodução desde que citada a fonte.